

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DO PROJovem CAMPO – SABERES DA TERRA

GILBERLIANE MAYARA ANDRADE MELO

Professora da Faculdade de educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Pedagoga da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA).
E-mail: gilberliane.melo@ufersa.edu.br

PRISCILA KALINE LIMA DO NASCIMENTO COSTA

Graduanda do 7º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Pedagogia. Email: priscilakaliny@yahoo.com

Introdução

A Pedagogia da Alternância entendida como metodologia de organização do ensino escolar que integra diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, surgiu em 1935 a partir das insatisfações de um pequeno grupo de agricultores franceses. Já no Brasil, começou em 1969 no estado do Espírito Santo, onde foram construídas as três primeiras Escolas Famílias Agrícolas. Não obstante, decorridos 43 anos de sua implantação no país, essa proposta pedagógica ainda é pouco discutida no meio acadêmico. O objetivo deste artigo é provocar essa discussão adormecida, nos intramuros da universidade. Para tanto, a pesquisa envolveu uma (01) escola do município de Serra do Mel Mosso-ró/RN. Os procedimentos metodológicos a serem utilizados neste estudo consiste em entrevista semi- estruturada com um professor do Projovem Campo – Saberes da Terra, deste município. Sendo que este instrumento consiste em questões previamente definidas, contudo permite que o diálogo discorra de forma espontânea, a escolha pelo uso deste ocorreu por entendermos que o mesmo, promove a obtenção de dados importantes que não estão presentes em fontes documentais. A entrevista terá por objetivo conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores do Programa que utilizam a metodologia da Pedagogia da Alternância.

Nesse sentido, a instituição mostrou-se receptiva com relação a nossa pesquisa e questionamentos postos. Daí, compreendermos a necessidade de conhecer a realidade escolar e a prática pedagógica utilizada pelo Programa. Vale ressaltar, que optamos por utilizar pseudônimos na identificação das entrevistas, a fim de manter o sigilo. Para tanto, as instituições serão no decorrer do texto, denominadas de “Democracia” e o educador de “Igualdade”.

Pedagogia da alternância: da semente ao fruto colhido

A Educação do Brasil inicia no Período Colonial, quando os padres Jesuítas com o intuito de difundir a fé cristã por meio da Companhia de Jesus sistematizou o conhecimento. A Educação rural também tem origem na época que o Brasil era Colônia de Portugal. Os Jesuítas se organizavam nas aldeias para ensinar os índios ler e escrever. Contudo a sistematização de projetos educativos adequadas ao meio rural data a década de 1930. No ano de 1998 na Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo que essas práticas se corporificaram e houve a formulação de políticas e algumas práticas específicas para os alunos campesinos. Silva (2000, p.10) apresenta a concepção de práticas educativas voltadas para a Educação do Campo:

Educação do Campo é toda ação educativa desenvolvida junto aos povos do campo, “incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caixas, ribeirinhos e extrativistas” e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e de formar de compartilhar a vida .

O homem campesino constrói sua história de vida alicerçada na labuta da vida, no plantio, na colheita, da experiência cotidiana no cultivo da terra. Ao realizamos um estudo sobre a história da

Educação do Campo podemos perceber movimentos em defesa de políticas voltadas para a Educação campestina, para práticas pedagógicas voltada para a realidade do homem do campo, que valorize sua história de vida, que sua cultura, seu saber e suas experiências, desta feita percebe-se práticas dentro da Educação do Campo que fortalece e valoriza não apenas o sujeito campestino, mas também sua cultura que está interligada a terra, fazendo uma junção de trabalho e educação integrando assim práticas educativas ao cultivo da terra como forma de emancipar o sujeito do campo, por meio de práticas que permite que o sujeito compreenda e aja no mundo.

Em 1935 no Estado de *Sérignac-Péboudou*, França, originou-se a Pedagogia da Alternância, uma metodologia de ensino utilizada na Educação do Campo Mattos (2010). Esta surgiu por meio da experiência da *Maison Familiale Rurale*¹. No recorrente ano Yves Peyrat, filho de agricultor, concluiu o Primário, e decidiu interromper os estudos para dedicar-se a agricultura familiar, ajudar aos seus pais na propriedade agrícola da família. Contudo os seus pais discordam da decisão de Yves, eles tinham ciência da importância da educação. O seu pai Jean Peyrat, era presidente do sindicato rural de *Sérignac-Péboudou*, membro do Secretariado Central de Iniciativas Rurais, participava de movimentos em prol a melhoria do campo, ele não podia permitir que o seu filho deixasse de frequentar a escola devido os *déficits* e as dificuldades que havia. Neste sentido, Queiroz (1997, p. 41) afirma:

Os filhos de camponeses tinham que optar entre continuar os estudos e sair da família e do meio rural para as cidades ou permanecer junto à família e o trabalho rural e interromper o processo escolar. As famílias precisavam da presença e trabalho dos filhos e ao mesmo tempo não tinham condições de mantê-los nas cidades.

Os jovens campestinos ao concluir o Ensino Primário saíam da zona rural para ir residirem na zona urbana, onde era ofereci-

¹ Casa Familiar Rural

do o Ensino Secundário. Algumas famílias não tinham condições financeiras para custear a educação dos seus filhos, e mantê-lo na cidade. Desta feita, havia um grande número de jovens que não concluíam os estudos, e dedicando-se a lavoura familiar, devido a falta de condições financeira e em alguns casos a resistência para não deixar sua cultura que estava imersa no campo. Nesta época estava acontecendo o êxodo rural. Os jovens que iam para a cidade estudar não retornavam para o campo, devido às oportunidades que havia educação, saúde e lazer. O homem campestre ao adentrar neste contexto urbano percebia a grande controvérsia que havia, pois a Educação da cidade estava embasa em preceitos voltado à educação do homem que residia na cidade, não formava cidadão para a agricultura. Os saberes estavam imersos em outros princípios que persuadiam aos jovens campestres, submeter-se a tais práticas, abandonando sua cultura e criando raízes no meio urbano e excluindo assim os saberes campestres.

Jean Peyrat estava ciente da necessidade que havia dos jovens filhos de agricultores frequentarem a escola. Porém para eles darem continuidade aos estudos teriam que deixar o campo e residir na cidade, deixando assim sua família, amigos e cultura, para adentrarem na cultura do homem da cidade. As questões surgem: como adentrar a cultura urbana e perder a campestre? Como estudar algo totalmente fora da realidade do aluno do campo? Como aceitar que os seus saberes e as suas vivências sejam desprezadas, ou até mesmo tida como inferior a do outro? Foram questões que perpassaram para que Jean juntamente com alguns membros da Igreja católica fundamentasse a Pedagogia da Alternância.

O agricultor Jean Peyrat propõe uma reunião em sua residência para ele juntamente com alguns pais da comunidade elaborarem bases pedagógicas que iriam permeia a prática pedagógica para a educação dos jovens campestres. Jean enfatiza a necessidade de uma escola/educação diferenciada, envolta na realidade do jovem do campo, que permitisse que eles permanecessem na sua

terra, no seio familiar envolto na sua cultura, onde fosse propiciado níveis mais elevados de educação, que priorizasse a formação técnica e profissional, formação geral, voltada para a formação cidadã e a formação humanista. As práticas de ensino organizadas pelo Grupo alternavam períodos, durante uma semana os alunos passariam na Casa Paroquial sob orientação do Padre Abbé Grane-reau, e três semanas estariam na propriedade agrícola com a família, nesse momento os jovens iriam realizar as atividades proposta pelo Padre e ajudar na agricultura familiar, as famílias estavam incumbidas de averiguar se os jovens estavam cumprindo com as obrigações, fazendo as tarefas escolares e as atividades da agricultura. Havia a preocupação das famílias e do Padre, que os jovens estivessem imersos na prática onde permitisse que eles refletissem e atuassem frente às situações postas. Sobre isso Gimonet (1999, p. 44) diz:

Alternância de tempo e de local de formação, ou seja, de período em situação sócio profissional e em situação escolar; – Mas a alternância significa, sobretudo, uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreender e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, colocando assim a experiência antes do conceito.

A práxis imersa na Pedagogia da Alternância tem métodos próprios, metodologia esta que faz a junção entre teoria e prática. O aluno campesino realiza as atividades durante três semanas na sua residência, onde desenvolve atividades agrícolas, juntamente com a sua família, que fica na incumbência de supervisionar as atividades tanto na lavoura quanto as atividades manuais escritas, que o educador solicita que faça em casa sob a revisão e supervisão da família, função da família nesse processo é imprescindível, é ela que irá supervisionar o trabalho na lavoura, e as atividades para serem feitas em casa. Na escola estuda algumas técnicas específicas, fazendo

uma relação de teoria e prática, em um processo de ação-reflexão-ação busca melhoria para a comunidade. Sobre isso Palitot (2007. P 17-18) ressalva:

A pedagogia da Alternância é o referencial teórico metodológico [...], que defende uma formação[...] – voltada para o trabalho, e a formação geral – voltada para o conhecimento elaborado contextualizado, a formação humana – voltada para a formação de lideranças. Para tanto, ela propõe a alternância da presença dos alunos entre a escola e a comunidade como concepção de diálogo educativo. Utiliza-se de instrumentos pedagógicos próprios, busca um processo de formação docente diferenciado e apropriado e, visa o fortalecimento da relação escola.

As práticas pedagógicas utilizadas pela Pedagogia da Alternância baseiam-se em uma formação envolta para a atividade que o sujeito exerce na comunidade rural, buscando valorizar os saberes dos sujeitos e sua realidade. O processo de ensino procura colocar os saberes do homem do campo como centro, fazendo uma articulação entre o saber do aluno com os fundamentos teóricos e posteriormente fazendo uma junção com a prática que eles exercem na comunidade.

Ao pesquisarmos sobre o desenvolvimento humano poderemos perceber que o homem aprende e apreende por meio da interação com outro, consigo próprio e com o mundo. Na interação com o meio a qual ele faz parte ele adquire cultura, então o saber, o conhecimento vai se constituindo e definindo e redefinindo o sujeito, que assim se forma, em uma ação dialética. Concomitante a essa abordagem, Paulo Freire concebe a cultura como artifício formador do homem e também elemento que pode propiciar à educação, as práticas embasadas na Pedagogia da Alternância utiliza os Círculos de Cultura como forma de valorização da cultura do homem camponês.

Para Freire (2010) nos Círculos de Cultura os temas surgem após uma pesquisa prévia do universo das palavras faladas no meio

cultural do educando. Posteriormente são retiradas os vocábulos de maior possibilidade fonêmica e carga semântica. Essas palavras são chamadas de geradoras porque proporcionam a formação de outras. Os temas geradores permitem que os educandos abstraíam temáticas de forma geral até mais específica, permitindo assim que o homem do campo reflita e participe ativamente dos debates que ocorrem nos Círculos de Cultura, se contrapondo a Educação Bancária que Freire (1992, p. 59, 60) descreve como:

[...] abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em “vasilhas”, em “recipientes”, a serem “preenchidos” pelos que julgam educar, pois acredita que essa educação defende os interesses de uma sociedade capitalista, pertencente a uma pequena quantidade da população planetária, que trata os homens como seres vazios, desfigurados, dependentes. Ao invés disso, buscou defender uma educação dos homens por meio da conscientização, da desalienação e da problematização.

Abandonar a prática da Educação bancária e dar espaço a educação emancipadora como elemento da liberdade, que só pode ser conquistada por meio de uma *práxis* em que o educador permite que o homem reflita, interprete e compreenda a realidade. O aluno projeta e age conscientemente diante do viver, transformando, liberta-se, torna-se cidadão. Nesse processo, concebe-se como sujeito, sujeito que objetiva seu fazer, assumindo seus riscos e modificando o mundo.

Pedagogia da alternância: um novo horizonte na construção da relação teoria-prática

Ao refletirmos sobre a história da Educação do campo, a história de vida dos povos campestres e ao analisarmos suas vivências, suas experiências com o cultivo da terra e seus saberes alicerçados na labuta da vida. Percebemos a necessidade que há de

políticas educacionais envoltas a realidade do homem do campo. Práticas pedagógicas que valorize sua cultura, que estejam interligadas com os saberes da terra. Desta forma pretendemos relatar práticas docentes do Programa “Projovem Campo – Saberes da Terra” explicitada no documento BRASIL (2009, p. 07-08, grifo nosso):

O Projovem Campo – Saberes da Terra’ constitui-se no Programa nacional de educação de jovens agricultores/as familiares, implementado pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), numa ação integrada com os ministérios do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) e da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), do Trabalho e Emprego por meio da Secretaria de Políticas Públicas de Emprego (SPPE) e da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), o Ministério do Meio Ambiente por meio da Secretaria de Biodiversidade e Floresta (SBF), o Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome e a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) vinculada à Presidência da República. O Programa se destina ao desenvolvimento de uma política que fortaleça e amplie o acesso de jovens agricultores (as) familiares, situados na faixa etária de 18 a 29 anos, no sistema formal de ensino, e sua permanência tendo em vista a conclusão do Ensino Fundamental com qualificação social e profissional. Mais amplamente, é objetivo do Programa contribuir para a formação integral do jovem do campo, potencializando a sua ação no desenvolvimento sustentável e solidário de seus núcleos familiares e comunidades, por meio de atividades curriculares e pedagógicas, em conformidade com o que estabelecem as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo – Resolução CNE/CEB Nº 1 de 03 de abril de 2002[...].

Orientados pela leitura do mesmo, observamos a importância de políticas públicas que oportunizem um currículo embasado na realidade do aluno, que valorize seus saberes locais, que

permitam a junção de trabalho e educação, desta feita, o educador *Igualdade* da instituição *Democracia* relata as vivências dos alunos camponeses que participam do Projeto “Projovem Campo – Saberes da Terra”:

Com a colheita da castanha se aproximando e as mulheres atarefadas na retirada da película das mesmas, o horário da sexta-feira à tarde, na Escola Estadual Padre José de Anchieta, será adaptado para não prejudicar a realização dessa tarefa e, conseqüentemente, não fazê-las perder um rendimento que é só um período por ano, mas que ajuda no orçamento doméstico e, que, em muitos casos, constitui-se na principal renda da família. Desta forma[...] os professores levaram a proposta de transformar as sextas-feiras à tarde em “*tempo comunidade*” aos colonos da Serra do Mel/RN. Na proposta, os professores ao invés de irem, à tarde, para a escola, e lá repassarem conhecimentos, eles se deslocarão às vilas onde moram os colonos matriculados no programa ‘Saberes da Terra’ e passarão a ter a experiência real da vida de cada um. Será através da vivência em suas comunidades, das necessidades prementes, que constituirá o projeto agrícola – este será, primeiramente, elaborado pelos técnicos – que irão nortear esse tempo comunidade e estará complementado pelas disciplinas do Projovem Campo.

A partir dos relatos de experiências do professor *Igualdade* suscitamos uma reflexão acerca da efetividade das práticas docentes que incluem os sujeitos do campo, que não estão somente nos documentos formativos, mas que oferecem uma concretude dia a dia: Como implementar a valorização dos saberes camponeses, da experiência de vida de cada sujeito, considerando-o como agente do processo educacional? O Projeto Projovem Campo consiste num exemplo de como as ações pedagógicas podem ser articuladas em prol do indivíduo, valorizando a cultura desses sujeitos, através das aulas ministradas e nesse espaço resgatadas pelo docente ora citado:

Ontem, dia 21/02/14 (sexta-feira), os alunos já chegaram devidamente fardados. Notava-se, no semblante de cada um deles, a satisfação no olhar e, em algumas conversas com eles, os professores puderam comprovar a questão de pertença ao local, no caso, à Escola Estadual Padre José de Anchieta. A aula começou com a professora [...] (Linguagens e Códigos) que, na noite anterior havia começado a trabalhar substantivos e adjetivos dentro de um fragmento da carta da Declaração dos Direitos do Homem. Depois da correção, nos cadernos dos alunos/colonos, das palavras que foram selecionadas para se pesquisar no dicionário – os seus sinônimos -, a professora retomou o conteúdo e passou um exercício em que os substantivos e adjetivos fossem enumerados de acordo com o texto dado e de acordo com a letra “A” do alfabeto. No segundo momento, os técnicos agrícolas [...] assumiram e passaram a ministrar uma aula voltada para os projetos que estão sendo elaborados – nas vilas e na própria escola (em parceria). Os técnicos descreveram, no quadro branco, as etapas de uma horta comunitária – dentro da escola -, as suas especificidades, o cuidado na manutenção da fonte que irá abastecer e irrigar essa horta, metragem e o tipo de semente a ser plantada. Os técnicos definiram ainda os locais (as vilas) a serem implantados os projetos de agricultura familiar. Aos professores [...] a assistência aos filhos dos alunos/colonos, com dinâmicas e brincadeiras.

Desse modo, ao refletir sobre o papel da práxis pedagógica na educação do campo, verificamos a necessidade dos conteúdos serem relacionando com a cultura do aluno, pois, pensar em práticas dissociadas do território simbólico dos sujeitos tornam estas vazias, desta feita, corroboramos com Freire (1992, p.213) quando diz: “o homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo”.

Assim sendo, a relação teoria-prática, principalmente, na educação campestre tem na pedagogia da alternância uma grande aliada, como a exemplo da experiência apresentada. Daí a relevân-

cia da academia estar atenta aos discursos e novas experiências advindas desses espaços de conhecimento.

Para uma farta colheita: concluímos

Ao concretizarmos a entrevista e a leitura do Projeto Político Pedagógico ProJovem Campo – Saberes da Terra e de alguns livros de Paulo Freire percebemos a relação que há entre ambos, Principalmente, quando evidencia-se uma tentativa do Programa em libertar os jovens e adultos da falta de conhecimento. Nesse mote, saboreamos a oportunidade de discutir a pertinência dessa temática tão instigante e ao mesmo tempo tão complexa. Falando de práticas docentes como atributo para a emancipação do sujeito camponês.

Contudo, é preocupante, a permanência de entraves quanto a esta discussão. O que não estranhemos, pois referenciamos a uma minoria. E a esta como Freire na sua utopia escrevia, é também por essa minoria que escrevemos: Queremos e são por eles que lutamos, com um gesto simples, inicial, mas dedicamos essa pesquisa para explanar a necessidade de políticas voltadas para a emancipação do sujeito que tem em suas mãos as marcas de uma educação voltada para para o meio urbano.

Não podemos e nem devemos nos calar, são por eles que lutamos e redigimos cada linha, na esperança que não se cale suas vozes. Na esperança que a trilha do caminhar, da ação, da reflexão do agir que nos propomos. sempre com humildade, e nas mãos a esperança, no olhar o brilho e no coração o transbordar da utopia.

Assim, acolhemos o que Freire (1992, p.213) nos propõe: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se põe a caminhar”. Pois, precisamos valorizar a possibilidade de aprender na caminhada, de formar-se no caminho, de retocar o sonho, por isso que temos a certeza que a educação é a ferramenta mais eficaz para emancipação do sujeito,

contudo essa só se reverbera se as práticas pedagógicas estiverem imersas em sua cultura.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização. Cadernos pedagógicos do ProJovem Campo – Saberes da Terra/Brasil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização. – Brasília: MEC/SEAD, 2009.

Educação e Mudança. São Paulo Paz e Terra, 1981.

GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e de Orientação**. In: LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, 1., 1999, Salvador. **Anais**. Salvador: União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil, 1999, p. 39-48.

SILVA, Maria do Socorro. **Os saberes do professorado rural: construídos na vida, na lida e na formação**. Dissertação de Mestrado – UFPE, Recife, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

QUEIROZ, João B. P. **O processo de implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás. 1997**. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal de Goiás, 1997

PALITOT, Maria de Fátima de Souza. **Pedagogia da Alternância: estudo exploratório na Escola Rural de Massaroca (ERUM)**. 2007. 100 f. Dissertação (Magister Scientiae) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa – MG, 2007.

Pedagogia da Esperança. São Paulo Paz e Terra, 1992.